

OESTE BRASILEIRO: CAMINHOS ARQUITETADOS, IMAGENS, PROJETOS¹ SÉCULOS XX / XXI

THE BRAZILIAN WEST: ARCHITECTED PATHS, IMAGES, PROJECTS 20TH / 21ST CENTURIES



<https://doi.org/10.22228/rt-f.v16i1.1147>

Márcia Regina Capelari Naxara²

 Universidade Estadual Paulista (UNESP)

 Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5793-1696>

 E-mail: mrnaxara@uol.com.br

Resumo: “Do túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú” foi o título com que o jornal *A Noite*, em agosto de 1943, noticiou o empreendimento que veio a ser conhecido como Expedição Roncador-Xingu, que tinha por finalidade criar vias de comunicação e promover o povoamento das vastas regiões interiores do Brasil. Reportagem que utilizo para pensar algumas construções sobre os extensos territórios – além de Tordesilhas – buscando perscrutar imagens e caminhos narrados em processo contínuo de construção e reconstrução de imaginários sobre seus espaços.

Palavras-chaves: caminhos do oeste; fronteiras; paisagens

Abstract: “From the tomb of Fernão Dias to the headwaters of Xingú” was the title of an article published in the newspaper *A Noite*, on August, 1943. The issue reported the endeavor that came to be known as the Roncador-Xingu Expedition, whose purpose was to create communication routes and promote the settlement into the vast Brazil interior regions. I use the newspaper’s to reflect on some constructions about the extensive territories – beyond Tordesilhas –, and I also inquire images and paths narrated, which was approached in a continuous process of construction and reconstruction of imaginaries about its spaces.

Keywords: paths of the west; borders; landscapes

Interiorizando fronteiras

“Do túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú” foi o título com que o jornal *A Noite* anunciou, em 11 de agosto de 1943, a Expedição que

¹ Apresentado em primeira versão, com o título “Fronteiras do oeste brasileiro: caminhos arquitetados, imagens idealizadas”, no XVIII Congresso Internacional de Ahila, Valência, 2017; na presente versão, no II Congresso ABRE – Associação de Brazilianistas na Europa, 2019.

² Professora Livre-docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP-Franca. Graduada pela USP, mestre e doutora pela Unicamp, com pós-doutorado na UFF. Integra os Grupos de Pesquisa CNPq: Núcleo História e Linguagens Políticas (Unicamp) e Historiar (Unesp-Fr). Além de artigos em periódicos e coletâneas publicou “Estrangeiro em sua própria terra” [Annablume, 1999]; “Cientificismo e sensibilidade romântica” (Ed.UnB, 2004) e “Fragmentos da identidade Brasil” (Intermeios, 2018). Desenvolve pesquisa sobre espaços, paisagens e construções identitárias relacionadas a imaginários locais e nacionais, com ênfase para a segunda metade do século XIX e primeira do XX.

Partiu desta capital [...] rumo às cabeceiras do Rio Xingu, – via Serra do Roncador, abrindo, com sua passagem, um caminho pelo “hinterland”, que ligará a Amazônia ao resto do Brasil. Essa expedição, como já se sabe, é comandada pelo coronel Flaviano Vanique e tem por fim povoar, colonizar e explorar as riquezas e possibilidades de vida desse pedaço enorme de terra, a maior área desconhecida do mundo.³

Reportagem em que se retomou a saga de São Paulo, “terra de onde saíram as primeiras bandeiras”, além de rememorar nomes como o do General Couto de Magalhães e Hermano Ribeiro da Silva, para conferir à empresa de exploração e conhecimento do oeste caráter de “epopeia”, realizada naquele momento em condições técnicas propícias: além do telégrafo, a aviação que, entre outras coisas, possibilitava novas perspectivas visuais. A euforia e o otimismo expressos no registro da saída da Expedição Roncador-Xingu – que teve como ponto de partida, “para orgulho dos paulistas”, o túmulo de Fernão Dias Paes Leme – comporta enormes ambivalências na forma como se desenhou e se perscrutou o território que veio a formar o Brasil, assim como as projeções que a seu respeito foram continuamente construídas.⁴ Uma contraposição exemplar pode ser visualizada no trecho que segue, pequena parte de numerosos relatos e imagens de destruição divulgados ao longo do tempo que, nos últimos anos, vêm-se tornando exponenciais pela agudeza da sua dimensão e descontrole dos mecanismos relativos às questões de preservação ambiental e dos direitos das populações de diferentes origens do país, em especial para os povos indígenas. Registros que acentuam o contraste entre as construções imaginárias da natureza exuberante que acompanham a nossa história e a fúria da sua ocupação e exploração. Os excertos pontuam caminhos desse contraste:

Esta série especial, [...] vai expor a violência e as engrenagens da estrutura criminosa que mata homens e árvores em Mato Grosso, Amazonas, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Tocantins. De setembro de 2015 a março deste ano [2016], o **Estado** percorreu 1,5 mil km de estradas federais e encontrou histórias de tortura, incineração de corpos, chuva de veneno, suicídio de índios, crianças sob a mira de fuzis, venda de licenças e tabelas de execuções.

[...]

As BRs 060, 070, 364, 163, 230, 242, 319, 158 e 155 tiveram como base antigas rotas de bandeiras e monções que partiam do litoral para o interior no século 17. As BRs-364 e 230 cortam trechos da trilha do bandeirante Antônio Raposo Tavares [...]. O desenho da BR-163 passa pela rota de

³ Do túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú. *A Noite*. Ano XXXIII, Rio de Janeiro, N. 11.314 – Quarta-feira, 11 de agosto de 1943, p.6. [Clichê na 1ª página]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=22156&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 14 ago.2015.

⁴ Reportagem utilizada anteriormente no texto 5. De São Paulo ao Araguaia: lugares, gentes, paisagens [Agenor Couto de Magalhães]. In: NAXARA, Márcia. *Fragmentos da identidade Brasil: espaços, escritas, paisagens*. São Paulo: Intermeios, 2018, p.111-126.

Pascoal Moreira Cabral, fundador de Cuiabá. As curvas da BR-158 foram mapeadas por Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera.⁵

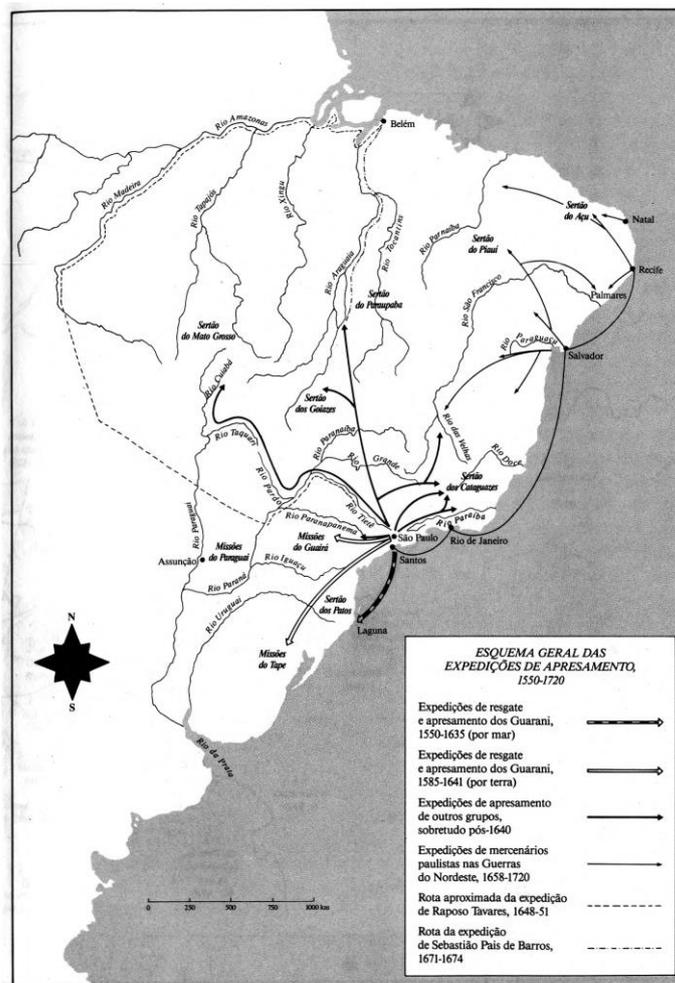
Configurações construídas e divulgadas pela imprensa por diferentes olhares e interesses, em também diferentes temporalidades. Indicam formas pelas quais o mundo tem seus espaços e paisagens continuamente reconfigurados, trocando e transpondo sensibilidades cultivadas por várias formas do conhecimento e das artes – história, geografia, literatura, antropologia, pintura, fotografia –, pelo ouvir dizer, pela produção de imagens poderosas e sedutoras, por vezes agônicas, consubstanciando elementos contraditórios de sublime beleza e simultânea tristeza e indignação.



Esquema geral das expedições de apresamento, 1550-1720⁶.

⁵ BORGES, André & NOSSA, Leonencio (textos); SAMPAIO, Dida. & ROMERO, HÉLVIO. (fotos). "TERRA BRUTA: pistolagem, devastação e morte no coração do Brasil", *O Estado de S. Paulo*, Reportagem Especial, 10 a 17 de julho de 2016, p.A10. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/politica/terra-bruta/>.

⁶ MONTEIRO, John M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.13.



Silva, Moacir M. F. *Geografia dos Transportes no Brasil*.

Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949.⁷

Encantos e desencantos em meio aos espaços e paisagens – naturais e humanas – que esbarram em certa nostalgia de uma harmonia pregressa e que, talvez, ajudem a exprimir ou aproximar alguns dos olhares para o imenso território que nos conforma como país, paisagem e nação. São ancestrais os caminhos que acabaram por desenhar os trajetos que, no adentrar, deram forma ao território e, simultaneamente, colaboraram para o delineamento do mapa em que reconhecemos o traçado Brasil, bem como as diferentes estradas e veredas – de início fluviais e terrestres – que foram possibilitando o acesso aos seus confins geográficos, históricos, etnográficos. Em significados que aproximam e separam culturas diversas, por vezes antagônicas em seus princípios constitutivos, as rotas das atuais rodovias federais acompanham de perto os antigos caminhos das entradas e bandeiras que, por sua vez, acompanhavam o percurso dos rios, compondo roteiros que

⁷ SCHIAVON, Taís. A conformação dos caminhos do Estado de São Paulo: breves correlações com seu desenvolvimento urbano e econômico. *Confins* [Online], 44 | 2020, 12 mar.2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/25959>. Acesso em: 31 ago.2021.

proporcionam acesso às terras interiores – “brutas” –, separando, como assinalado pela reportagem, diferenciados brasis.

As viagens primeiras – exploratórias –, desencadeadas pela ambição de assenhoreamento da terra e conhecimento do mundo pelos europeus que marcou o início da modernidade, tiveram continuidade ao longo dos séculos XVIII e XIX, adensando-se em novas perspectivas que confluíram, no caso dos territórios americanos pós-independência, para a demarcação de limites e fronteiras em termos das nações que, no conjunto do continente Sul Americano aqui considerado, compunham o amplo território coberto pela floresta tropical – a hileia amazônica – que escondia rios e áreas de difícil acesso, tornando famosos aqueles que pelos seus caminhos haviam se aventurado em períodos anteriores, deixando registro de que constam, com maior ou menor precisão, as referências às famosas Amazonas, de que resultou o nome do rio/região. Relatos que, se não afirmam, deixam no ar a dúvida quanto à sua existência. Desses, guiada pela leitura de Willi Bolle⁸ assinalo: no século XVI, Francisco de Orellana (1511-1546) e Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584), que escreveu o relato da viagem realizada entre 1541 e 1542; Pedro Teixeira (1570/87?-1641) e o padre jesuíta Cristóbal de Acuña (1597-1676), relator da viagem realizada entre 1637 e 1639; e, com Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), em 1743, o início da exploração científica da região, que teve continuidade, alcançando os séculos XIX, XX e XXI. Os textos, desde essas primeiras viagens, alimentavam continuamente a imaginação e contribuía para o desejo de conhecimento, seja pela experiência – ver e sentir – seja pela fruição através das palavras e imagens que apontavam, simultaneamente, o maravilhoso da experiência e, em paralelo, as enormes dificuldades enfrentadas.

Regiões que continuam a conter grande dose de mistério e encantamento, tanto pelo que é ocultado como pelo que ganha visibilidade; tanto pelos textos como pelas publicações contínuas de imagens – pinturas e fotografias –, como pela atualização promovida pela tecnologia recente, que amplifica de modo espetacular o acesso a recortes fotográficos e fílmicos. É significativo assinalar a mudança de perspectiva do olhar e das distâncias na produção de imagens ao longo do tempo. Utilizei em ocasião anterior trecho de Gastão Cruls, de 1912, em que cita Alberto Rangel para indicar que quando “o avião ainda tinha o voo curto das ciganas”⁹, a floresta amazônica parecia um “bolor imenso”, tal

⁸ BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541-1542). In: BOLLE, W.; CASTRO, E. & VEJMEKKA, M. (Orgs.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo, Globo, 2010, p.19-56.

⁹ “*Opisthocomus oazin*. Ave única e para a qual foi preciso criar uma subordem à parte, é das maiores curiosidades da Amazônia. De voo canhestro e muito limitado, tem asas que, quando jovens, munidas de garras, mais se diriam órgãos escansórios.” (CRULS, Gastão. [1944]. *Hiléia Amazônica: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1958. Nota 1, p.5); “A ‘cigana’ desprezível, por ex., que se empoleira nos galhos

qual “compactas e empastadas massas de verdura apenas entrecortada, aqui e ali, por meros filetes de água”, enfatizando a contrapartida do ponto de vista oposto, de quem navega pelo rio-mar, em que a pessoa se vê, o tempo todo, “entaipada entre altos paredões de verdura”, sem horizonte possível¹⁰. Imagens que se aproximam e afastam das atuais, uma vez que as técnicas recentes, não somente mas em especial quando tomadas à distância, possibilitam visualizar amplos espaços e, simultaneamente, fechar em ângulos e focos com detalhes antes inalcançáveis, conferindo visibilidade às formas de ocupação que assinalam a exuberância, potência e beleza naturais, tanto para afirmá-las como para ultrapassá-las, ao realçar e compor sua importância planetária – universal –, com ênfase para os povos remanescentes que hoje a habitam, alguns em afastamento praticamente completo com relação ao restante do país. Imagens que conferem visibilidade, também, à crescente destruição – pelo fogo, pelo mercúrio nas águas dos rios e pela derrubada da floresta – traduzida em recortes avassaladores, como espelhos atualizados de ações que atravessaram os séculos, permanecendo em registros fotográficos como os realizados por Dana Merrill quando da construção da ferrovia Madeira-Mamoré no final do século XIX,¹¹ bem como os que registraram a construção da Transamazônica nos anos 1970, amplamente divulgados em textos e imagens na imprensa e, em especial, nas páginas das Revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*.¹²

Em termos de Brasil interior, além da direção amazônica tomada pelos rios Araguaia-Tocantins, não abordada aqui, há a “imensa planície inundável [...] hoje denominada Pantanal”, originalmente habitada por nações indígenas, que teve suas primeiras referências e descrições no século XVI realizadas por “conquistadores espanhóis – Cabeza de Vaca-Pedro Hernández, Hernando de Ribera e o soldado alemão a serviço da Espanha Ulrico Schmidl que, através das suas narrativas, introduziram a paisagem inundável da bacia alto-paraguaia no imaginário ocidental”¹³. Na região do Araguaia assinalo a presença, na segunda metade do século XIX, do General Couto de Magalhães (1863-64) e de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1881) que, como Presidentes da Província de Goiás, estiveram preocupados com a integração da região à nação: “O General instalou e fez navegar, com grande dificuldade, o primeiro vapor – *Araguaya nerú-assú* –

flexíveis das oiranas, trazendo ainda na asa do vôo curto a garra do réptil...” (CUNHA, Euclides da. [1909]. *À margem da história*. São Paulo: Ed. Lello Brasileira, 1967, p.12).

¹⁰ CRULS, Gastão. *Hiléia Amazônica*. *Op.cit.*, p.5.

¹¹ HARDMAN, F. Foot. [1988]. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹² Fotografias de Dana Merrill, assim como as revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* da década de 1970, podem ser consultadas na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>.

¹³ COSTA, Maria de Fátima. *A história de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999, p. 17-18.

símbolo da possibilidade do progresso que então se iniciava”; Leite Moraes, no sentido de incrementar a comunicação dessa região central com o restante do país propunha o “prolongamento da Mogiana em direção ao Mato Grosso”¹⁴. Importantes, também, os esforços despendidos pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) no mapeamento dos recursos do território, com a formação de extensa cadeia de correspondentes para a ampliação do conhecimento sobre o país, a ser traduzido em cartas geográficas crescentemente precisas, capazes de conferir força ao vínculo existente entre pátria, país e paisagem. A Carta Geral do Império, elaborada por Beaurepaire-Rohan, para a Exposição Nacional de 1875, em preparação para a participação na Exposição Internacional da Filadélfia de 1876¹⁵, além das que se lhe seguiram, demonstram o crescente detalhamento.¹⁶

Entre viajantes-autores, que foram também atentos leitores dos que lá estiveram antes deles, considero duas referências. A primeira, no início do século XX, inserida em questões de fronteiras com o Peru e a Bolívia; mais à frente, o grande projeto de conquista do oeste dos meados do século XX: [1] a viagem de Euclides da Cunha como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus [1904-1905], em vínculo estreito com a construção da Madeira-Mamoré como ferrovia que possibilitasse rasgar o continente da Bolívia até o Atlântico [1907-1912], em projeto que resultava de compromisso assentado durante as tratativas para a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903); e [2] a iniciativa da já referida Expedição Roncador-Xingu [1943] que, por sua vez, constituía continuidade ao conjunto de iniciativas econômicas e políticas que remontavam ao final do século XIX, quando da constituição da “Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia” no início do regime republicano, bem como da Marcha para o Oeste, implementada em 1938, no Estado Novo, por Getúlio Vargas, em meio a preocupações de povoamento e ocupação territorial que tinham por objetivo colonizar e incorporar de modo efetivo as regiões do oeste brasileiro, ou melhor, de suas terras interiores. Projetos que tiveram em seus propósitos, com centralidade, o conceito de civilização, alinhado à ideia de progresso, forjado em bases técnicas, ou da técnica como meio e possibilidade de efetiva inserção no mundo dito civilizado.

Empreendimentos que obedeceram a questões cruciais do momento em que foram realizados: no primeiro, as contendas de fronteiras em torno de conflitos e interesses

¹⁴ NAXARA, Márcia. 11. Ciência, técnica e história no século XIX: fragmentos e perspectivas de Brasil. In: *Fragmentos da identidade Brasil: espaços, escritas, paisagens. Op.cit.*, p.199-212. Em especial p.206-207.

¹⁵ NAXARA, Márcia. 13. Diálogos históricos e historiográficos: séculos XIX e XX. In: *Fragmentos da identidade Brasil: espaços, escritas, paisagens. Op.cit.*, p.229-249.

¹⁶ GUEDES, Max Justo. *A cartografia impressa do Brasil – 1506-1922. Os cem mapas mais influentes*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

comuns com o Peru e a Bolívia; no segundo, a expansão para o oeste e ocupação do Brasil sob perspectivas caras à visão de progresso e integração nacional que marcou o século XX. Pode-se reconhecer aproximações no impulso que as orienta em termos de visões de progresso estreitamente vinculadas a princípios positivistas e darwinistas sociais, claramente enunciados por Euclides da Cunha (1866/1909) e pelo Marechal Cândido Rondon (1865-1958) com permanência no largo período de finais do século XIX e meados do século XX. Princípios a partir dos quais se olhava de modo determinista para a população local e brasileira de modo geral, marcada pela presença de povos indígenas, autóctones, e também pelo constante mestiçamento que acompanhou seu processo de formação – população mestiça assimilada e/ou discriminada por diferentes denominações [pardos, mulatos, cafuzos, mamelucos, caboclos, caiporas] –, acrescida ao longo do século pela entrada constante de diferentes correntes migratórias que, crescentemente, conformaram o cadinho diversificado que caracteriza o brasileiro, ou melhor, os brasileiros. As populações indígenas e mestiças ganham visibilidade, presença e foco no caso específico das regiões centrais e do adentrar as terras interiores característica desses movimentos de definição de fronteiras e integração da nação, com as ambiguidades que tais movimentos, em geral, comportavam em termos das suas intenções civilizacionais e que alcançaram ponto exponencial em 1960, com a inauguração de Brasília, na significativa data de 21 de abril, em localização que havia sido preconizada e demarcada, ainda que cobrindo território mais amplo, pela Missão Cruls – Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil –, que percorreu a região em 1892.¹⁷

Entre espaços amazônicos

Aquém da margem direita do Ucaíali e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cerca de cinquenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, providas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria.

Era o caucho. E caucheiros apelidaram-se para logo os aventureiros sertanistas que batiam atrevidamente aqueles rincões ignorados.¹⁸

A viagem de Euclides da Cunha como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus [dez.1904/dez.1905]¹⁹ foi realizada no propósito

¹⁷ CRULS, Luiz. [1892]. *Relatório Cruls* [Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil]. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012. Edição fac-similar.

¹⁸ CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. *Op.cit.*, p.56.

simultâneo de ampliar o conhecimento da região e discutir a demarcação de fronteiras nas áreas de exploração da borracha realizada por seringueiros e caucheiros, obedecendo tanto às necessidades politicamente objetivas do momento, quanto ao desejo, longamente acalentado pelo autor, de ver e estar em região pela qual tinha grande interesse e sobre a qual produziu textos que confluem para a associação interpretativa de seus escritos, com trânsito entre arte e ciência no exercício de compreensão do mundo e das relações homem/natureza, ambos plurais. Consórcio arte/ciência assinalado por Francisco Foot Hardman, em textos que, em parte, encontram-se reunidos em *A vingança da Hileia*²⁰; presença realçada de modo específico em alguns de seus textos por José Leonardo do Nascimento em *Euclides da Cunha e a estética do cientificismo*²¹.

Em termos diplomáticos Euclides assinalou a necessidade de reconhecer a região em suas particularidades porque considerava que a “posição prejudicial” que a Cordilheira dos Andes criava ao Peru e à Bolívia possibilitava prever uma “guerra iminente”, “inevitável” e de “feição gravíssima”, colocando a necessidade de clara delimitação de fronteiras, tanto externas, com os países vizinhos, como internamente, pela disputa de linhas divisórias entre os Estados do Amazonas e Mato Grosso. A acrescentar as contendas, quando do avanço da extração da borracha em direção ao Acre e da sua comercialização para o exterior, da acirrada disputa entre as cidades e respectivos portos da antiga Belém e Manaus, pela busca de hegemonia comercial que, sem dúvida, transparecia no desenvolvimento das cidades e construção crescente de seus símbolos civilizacionais²².

¹⁹ Os textos de Euclides da Cunha sobre o tema foram publicados de forma dispersa. Utilizei: *Contrastes e confrontos*, 1975; *Um paraíso perdido*: Reunião dos Ensaios Amazônicos, 1976; e *À margem da história*, 1909/1967. Cabe lembrar a referência e o acesso a alguns excertos do texto, ainda inédito, de Paul Ehrenreich, que esteve na região do Rio Purus alguns anos antes de Euclides da Cunha, por Joachim TIEMANN, “O Diário *Viagem pelo Rio Purus*, de Paul Ehrenreich (1889)” (In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna & VEJMEJKA, Marcel. (Orgs.). *Amazônia*: região universal e teatro do mundo. *Op.cit.* p.57-77). Viagem também citada por Egon SCHADEN, “A obra científica de Paul Ehrenreich”, *Revista de Antropologia*. USP, v.12, n.1-2 (1964). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110737>. Acesso em: 27 mar.2017.

²⁰ HARDMAN, F. Foot. *A vingança da Hileia*: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Ed.Unesp, 2009.

²¹ NASCIMENTO, José Leonardo do. *Euclides da Cunha e a estética do cientificismo*. São Paulo: Ed.Unesp, 2011.

²² WEINSTEIN, Bárbara. Pará “versus” Amazonas. *Estudos Econômicos*, 15(2):221-239, maio/ago. 1985. [Extraído do cap.7 de *The Amazon Rubber Boom, 1850-1920*, Stanford University Press, 1983, p.192-210. Trad. Laura Teixeira Motta e José Flávio Motta]. Texto integral, *A borracha na Amazônia*: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: Hucitec, 1993.

Em “Contrastes e confrontos”, referindo-se ao Peru e acompanhando a narrativa de Humboldt “através das serras e das gentes”, Euclides da Cunha escrevia: “A história, ali, parece um escandaloso plágio da natureza física”²⁵, denunciando o indelével vínculo e forte relação – ao seu olhar, educado em convicções positivistas – do homem, natureza e história que marca suas diferentes análises. São eloquentes os registros de desapontamento quando das suas primeiras impressões no contato com o rio Amazonas, ao alcançar o “desembocar do dédalo florido do Tajapuru”²⁶: decepção pelo impacto negativo e inusitado quando do primeiro olhar para o rio e a paisagem, marcados pela ausência da grandiosidade ansiosamente aguardada e longamente alimentada por leituras pregressas; impressão que, sabemos, foi reelaborada quando da sua narrativa, construída em exercício de memória voluntária²⁷ e em ocasião especial, qual seja, o discurso de posse proferido na Academia Brasileira de Letras, em 1903, quando relembra sentimentos e sensações, reconstruindo em palavras a paisagem, em sua grandiosidade imaginária, como criação paradisíaca aproximada à *Gênesis*.²⁸

Movimento incessante de um início primordial que vai se constituindo no tempo, entre construção e ruína. Ruínas, assim como a sua contrapartida paradisíaca, que guardam vínculo estreito com as leituras e análises da região, em especial por referência à Amazônia tomada em sua extensão e elaborada de modo recorrente como experiência vinculada a uma natureza em constante mudança e alteração – paisagem e rio em movimento contínuo, permanentemente incompleto, guardando mistérios em seus inúmeros espaços; não conhecido em sua inteireza por nenhum dentre os viajantes que por lá passaram. Força imagética que podemos ler em variados registros e experiências de quem lá esteve: Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philip von Martius (1817-1820), Francis de Castelnau (1843-1847), Henry Walter Bates (1848-1859) e Alfred Russel Wallace (1848), e o casal Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz (1865-1866) – bem como nos escritos de Gastão Cruls e Alberto Rangel, contemporâneos de Euclides. Rio de “terras caídas”, que abandona o homem em seu turbilhão, numa natureza que se refaz continuamente – terreno aluvial, onde “tudo repentinamente vacila e se afunda”, nas palavras de Alberto Rangel no conto “Terra

²⁵ CUNHA, Euclides da. [1907]. *Contrastes e confrontos*. São Paulo: Cultrix; INL-MEC, 1975, p.88-92.

²⁶ CUNHA, Euclides da. [1909]. *À margem da história*. *Op.cit.* p.11.

²⁷ SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história. In: *Da memória e seus “caminhos secretos para entrar em nós”* (ensaios sobre memória, esquecimento, história, historiografia). São Paulo: Intermeios, 2021, p.19-41.

²⁸ CUNHA, Euclides da. [1907]. *Contrastes e confrontos*. São Paulo: Cultrix; INL-MEC, 1975, p.157-158.

cahida”, em *Inferno Verde*,²⁹ volume de contos amazônicos prefaciado por Euclides, com quem manteve profícua correspondência, de que conhecemos somente o lado euclidiano.

Ruína, desmoronamento, destruição, temas recorrentes, que aparecem de diversos modos, por vezes de forma ambivalente, nos registros de viagens e na literatura sobre o Amazonas, revelados em termos da sua natureza, vida e movimentos. Elementos também presentes, em outro sentido, quando se trata de abordar as ações humanas na região, em especial a partir da sua ocidentalização e incorporação civilizacional que, em seus obscuros caminhos, expõe, de forma marcante, os problemas decorrentes dos desejos de crescente domínio da natureza pelos homens. Intervenções que movimentam homens em busca de eldorados e riquezas numa economia-mundo capitalista, como a de que deriva a exploração da borracha e do caucho. Ruínas que ganham dimensão espectral com a modernidade, na simultânea concretude e volatilidade dos trilhos e dos escombros naturais e humanos continuamente produzidos. Hardman registra o desconhecimento e ignorância dos locais de construção da Madeira-Mamoré assinalando que a modernidade projetada – em termos técnicos e expositivos – rapidamente tornava-se ruína, de cujos destroços Dana Merrill, como assinalado, guardou registros fotográficos significativos, a corroborar a ilusão da grandiosidade de obras que aliavam trilhos, vapor e fios na aproximação de diferentes partes do mundo – grandes obras projetadas na confluência do “saber é poder”, entre o que pode ser lido como romântico espírito empreendedor e almejado desejo de progresso civilizacional.³⁰

A ambição de conhecer e produzir conhecimento sobre a região, presente nos viajantes de modo geral, ainda que com olhares diferenciados e diferentemente informados, voltava-se para pensar o Brasil em sua unidade e, também, em sua diversidade, tomando-o por inteiro – natureza e gentes. Na afirmação de Oswaldo Galotti, a pátria e as gentes brasileiras seriam centrais aos escritos de Euclides da Cunha: “N’Os Sertões o objetivo último é o homem; n’*Amazônia*, o tema principal é a terra”.³¹ Afirmação que nos aproxima da percepção de que boa parte das leituras do período sobre a Amazônia voltavam-se para as relações homem/floresta com olhares que privilegiavam os ribeirinhos caboclos, em geral mestiços ou provenientes de outras regiões do Brasil, mas e no entanto, com pouca atenção para a presença e/ou ausência da população indígena.

²⁹ RANGEL, Alberto. “Terra cahida”. In: (1908). *Inferno verde: Scenas e Scenarios do Amazonas*. Prefácio de Euclides da Cunha. 4ª ed. Tours: Typographia Arrault & Cia., 1927, p.75-92.

³⁰ HARDMAN F. Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. *Op.cit.*; A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.29, Brasília, janeiro-junho de 2007, p.141-152.

³¹ GALOTTI, Oswaldo. Nota explicativa à margem da 1ª edição brasileira. In: CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. *Op.cit.* p.5-8; citação p.7.

Caminhos do Brasil central

O grande sertão do Brasil Central, compreendido entre o rio Araguaia e seus afluentes da esquerda, a leste, o Tapajós com seus formadores a oeste, os chapadões mato-grossenses ao sul, e uma linha correspondente aproximada ao paralelo 4 (latitude sul), que corta aqueles rios na altura dos seus grandes encachoeirados, com uma área de aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados, até poucos anos era a região menos conhecida de todo o continente americano, talvez do mundo.³²

A Expedição Roncador-Xingu [1943] insere-se nesse incessante processo de conhecimento e integração do Brasil que, ao longo do tempo, ganhou consistência e novos ingredientes, de modo a atualizar a construção do Brasil – “país do futuro” –, em continuidade ao movimento das Bandeiras, com a assimilação do velho pelo “novo bandeirante do século XX”, parte dos “planos e estratégias de conquista do *hinterland* brasileiro”³³. Como já assinalado, foram vários os investimentos que, desde o Império, guardam vínculo com a perspectiva de conhecimento e inserção da nação no mundo capitalista civilizado. Destaco, aqui, o conjunto de empreendimentos de que faz parte – se consideramos a centralidade da figura do Marechal Cândido Rondon (1865-1958) – o movimento que teve início com sua colaboração, em 1889, na já citada Comissão de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, que, a partir daí, ganhou relevo quanto às estratégias para reconhecimento, vigilância e colonização de áreas remotas e regiões de fronteira, com aproximações a populações indígenas, por vezes de forma pacífica como com os Bororo, de quem Rondon obteve colaboração no Mato Grosso,³⁴ além de outros como os Xavante, Kalapalo, Kamayurás.³⁵

No propósito positivista de aprofundamento civilizacional e sua ordem no mundo, Rondon avaliava a implantação da tecnologia como caminho e possibilidade do ato de civilizar, considerando a convivência entre colonizadores e populações autóctones. Além do significado do progresso ou das dubiedades que a abertura de caminhos e contatos pudessem colocar em “marcha”, nomenclatura cara às décadas de 1930/1940, em que tal

³² VILLAS BÔAS, Orlando & VILLAS BÔAS, Cláudio. *A Marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.52. (a primeira edição – Ed. Globo, 1994 – foi contemplada com o Prêmio Burity).

³³ CANCELLI, Elizabeth. A conquista do território. *Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa*. Brasília, novembro de 1992, p.4-6. Ver p.5. Acesso em 22 mai.2019. Disponível em: <http://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/bitstream/123456789/1491/1/A%20conquista%20do%20territ%C3%B3rio-Elizabeth%20Cancelli.pdf>. Acesso em: 22 mai.2019.

³⁴ FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena*. Brasília: ABravideo, 2009.

³⁵ ALMEIDA, Thays Fregolent de. Expedição Roncador-Xingu (1943-1948): a tensão entre integrar e preservar os indígenas do Brasil central. Encontro Regional História e Democracia: precisamos falar sobre isso. Anpuh-São Paulo/Unifesp, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1532734660_ARQUIVO_TEXTOANPUH_final.pdf. Acesso em: 22 mai.2019.

intento ganhou impulso – linhas telegráficas, trens, barcos e vapores – a colocar o Brasil, por inteiro, em movimento e em contato.

Entre 1907 e 1915 Rondon organizou e acompanhou a expedição científica Roosevelt-Rondon; ao longo do tempo elaborou levantamentos e inspeções de extensas fronteiras interiores do oeste e do norte brasileiros, de que lembramos a participação de Gastão Cruls na expedição ao Tumucumaque³⁶; tomou parte em posicionamentos de defesa da população indígena como presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), quando teve início a Marcha para o Oeste, encetada em 1938, já no Estado Novo,³⁷ de que veio a fazer parte a posterior organização da Expedição Roncador-Xingu (1943), já citada, acentuando a preocupação quanto à possibilidade de liberação de terras indígenas para o que se pretendia como colonização, com recrutamento de grande número de indivíduos. Processo ampliado com a criação da Fundação Brasil Central (FBC), no mesmo ano. João Pacheco de Oliveira assinala os objetivos então formulados: “instalar campos de pouso e bases militares, abrir caminhos e picadas, construir pontes [...] bases de apoio radiotelegráficas [...] que permitissem a integração das redes de comunicação nacionais, ameaçadas por grandes vazios demográficos”, podendo-se salientar que as bases então criadas serviam as rotas aéreas para Manaus, Miami e Lima.³⁸ Intenções que colocam claramente as questões geopolíticas que orientavam, de longa data, a necessidade de conhecimento e domínio do território.

³⁶ CRULS, Gastão. [1930]. *A Amazônia que eu vi: Óbidos–Tumucumaque*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed.; Brasília: INL, 1973.

³⁷ CANCELLI, Elizabeth. *O Estado Novo em marcha para o oeste*. Curitiba: CRV, 2017.

³⁸ OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma viagem ao Brasil profundo. Prefácio a VILLAS BÔAS, Orlando & VILLAS BÔAS, Cláudio. *A Marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. *Op.cit.*, 2012, p.17-27; citação p.18.



MAPA DO BRASIL DELIMITANDO A EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU

<<http://www.fgv.br/CPDOC/acervo/arquivo-pessoal/AVAP/audiovisual/getulio-vargas-e-outros-em-fazendas-no-rio-grande-do-sul-aspectos-do-desbravamento-da-regiao-central-do-brasil-pela-fundacao-brasil-central>>

Ocupação, colonização e implementação de comunicações crescentes, de que fizeram parte aproximações com as populações indígenas. Os irmãos Villas Bôas, pelo “subterfúgio de se fazerem passar por caboclos goianos”,³⁹ incorporaram-se à Expedição, ponto de partida deste texto, que plantou o marco do Centro Geográfico do Brasil às margens do rio Xingu. Ao lado de Rondon, tiveram presença fundamental na política indigenista, tendo idealizado e participado ativamente da concretização e demarcação do Parque Indígena [Nacional] do Xingú, criado em 1961, com projeto redigido por Darcy Ribeiro, então funcionário do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Projeto que, seguindo orientação pacifista, ganhava um diferencial na perspectiva dos irmãos Villas Bôas, pela negação da transformação dos indígenas em trabalhadores rurais, a serem subsumidos à cultura ocidental e seus modos de vida. Sua permanência no Xingú foi longa – 30 anos –

³⁹ RIBEIRO, Darcy. Os irmãos Villas Bôas; OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma viagem ao Brasil profundo. Ambos In: VILLAS BÔAS, Orlando & VILLAS BÔAS, Cláudio. *A Marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. *Op.cit.*, p.11-12 e p.19.

em ações e investimentos internacionalmente reconhecidos, que não deixam de ser ambivalentes, na difícil ação de proteção da floresta como natureza e como habitat das populações indígenas, parte delas até então isoladas e sem contato anterior com o que significasse Brasil, e a aproximação, por meios simultaneamente protetivos e coercitivos, da minoridade política, no difícil equilíbrio entre permanência e mudança, integração e respeito. Estatuto que veio a ser alterado, pelo estabelecimento da cidadania plena, com a Constituição de 1988.

Difícil intento frente às formas predatórias historicamente dominantes de ocupação da região que precederam e sucederam o avanço colossal que, constantemente, veio e vem crescendo. A interligação de um país continental – fosse pelos trilhos, pela navegação ou pela aviação – avaliada como necessária em termos de inserção do Brasil na economia-mundo e, também, no reconhecimento e demarcação de seus territórios que, em alguns momentos, se fazia acompanhar, sem adentrar por ações ilegais, de alterações mais ou menos radicais em modos de vida e convivência. Interesses contraditórios em termos de reconhecimento e respeito às populações autóctones e ocupação e exploração econômica das riquezas de várias ordens, que produziam grande tensão entre protecionismo e preservação, de um lado, e ocupação e expansão econômicas, de outro, capazes de colocar em questão a própria concepção de nacionalidade frente à universalidade e aos questionamentos que dizem respeito ao humano.

Violência, sobrevivência, aumento relativo das populações indígenas são parte dessa história. Orlando Villas Bôas, em entrevista ao programa *Roda Viva*, lembrou (mais uma vez a memória), formas violentas de ocupação nas frentes seringalistas nos anos 1940, “quando no rio Xingu, no rio Iriri, [...], costumavam entrar nas aldeias indígenas e davam arsênico com farinha para fazer o índio desocupar a área”. Relatos com o peso do testemunho: “Nós vimos, assistimos, até muito pouco tempo [atrás], na década da 60, seringueiros de Mato Grosso metralhando índios nas aldeias de [índios] Cinta-larga em Aripuanã”,⁴⁰ colocando em xeque, como em outras situações similares, a própria noção de pertencimento à nacionalidade e à concepção de nação – nações indígenas, nação brasileira.

Contemporaneidades...

Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los em tudo. Mas não é o que queremos. Eu aprendi a conhecer seus costumes desde a minha infância e falo um pouco a sua língua. Mas não quero de modo algum ser um deles. A

⁴⁰ VILLAS BÔAS, Orlando. Entrevista Programa *Roda Viva*, 4 dez.1987. *Memória Roda Viva*. Disponível em: https://rodaviva.fapesp.br/materia/496/entrevistados/orlando_villas_boas_1987.htm. Acesso em: 25 out.2020.

meu ver, só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos se transformarem em Yanomami. Sei também que se formos viver em suas cidades, seremos infelizes. Então, eles acabarão com a floresta e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles. Não poderemos mais caçar, nem plantar nada. Nossos filhos vão passar fome. Quando penso em tudo isso, fico tomado de tristeza e de raiva.⁴¹

Em publicação de 1966, referindo-se à Amazônia, Aziz Ab'Sáber afirmou, de modo abrangente, pensando em termos de Brasil, a necessidade de defesa e garantia de “uma convivência pacífica entre comunidades humanas pertencentes a diferentes culturas, subculturas e economias” ao registrar a

insensibilidade humana e cultural das autoridades e das classes dominantes em relação aos contatos étnicos desiguais e altamente nocivos. Índios vivendo na pré-história (ianomâmis) e componentes rústicas da base da pirâmide social regional vivendo sua aventura amazônica: garimpeiros, posseiros, capatazes, peões, gateiros, caminhoneiros, pistoleiros profissionais.⁴²

Afirmção e análise que, ao considerar a diversidade cultural, nos re-conduz ao início da divisão imaginária do Tratado de Tordesilhas que, de longa data, aliás, de início, traçou fronteiras entre diferentes brasis – não somente no sentido geográfico – que nos alcançam com suas várias diferenças e difíceis transposições.

Antigas viagens, de antigos viajantes são refeitas, ou têm seus caminhos perscrutados – ainda que parcialmente – por novos viajantes, estudiosos contemporâneos, em encadeamentos que continuam a alimentar o conhecimento e a imaginação. Com variadas formações e interesses vários, muitos continuam a viajar, seguindo trajetos – no caso específico – antes já percorridos e levando, como parte de sua bagagem, “relatos na cabeça”, na referência que fez Roberto Ventura (por alusão a Euclides da Cunha), ao romance *Los pasos perdidos* de Alejo Carpentier,⁴³ para então produzir novas imagens e novos relatos das veredas percorridas e experimentadas. Refazem-se caminhos buscando vivenciar e/ou atualizar sensibilidades em novas dimensões. A perspectiva do mistério tem continuidade. Alteram-se as formas de representação, escrita ou figurada, vazadas em diferentes técnicas e percepções de mundo, com aproximações outras em termos das possibilidades daqueles que, *in loco*, têm a oportunidade do olhar e procurar recompor caminhos outrora já traçados e percorridos, redesenhando roteiros.

⁴¹ KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. [2010]. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.75.

⁴² AB'SÁBER, Aziz. Amazônia: proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta-em-pé. In: *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 2004, p.131-190.

⁴³ VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. (Orgs.). CARVALHO, M.C. & SANTANA, J.C.B. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.238.

Dois estudos, com títulos significativos no retomar a importância da região em termos do país, projetados por estudiosos que viajaram com imagens e “relatos na cabeça”: o primeiro, de finais do século XX, nos aproxima, em nova viagem tendo por título *O Brasil de hoje no espelho do Século XIX*,⁴⁴ daquela realizada por Langsdorff, de que resultaram registros importantes em textos e, em especial, em imagens, uma vez que, não sem inúmeros contratemplos, a expedição contou com artistas do calibre de Johann Moritz Rugendas, Antoine Taunay e Hercule Florence e é desse ponto de vista, “espelho do mundo”, reelaborada em outra viagem, com interpretações a nós contemporâneas. O segundo está em *Amazônia, região universal e teatro do mundo*⁴⁵, volume que reúne reflexões de vários autores em torno da região amazônica em perspectiva afinada com as preocupações atuais, que lhe conferem posição de destaque, projetando-a como universal e central ao mundo dos homens tomados em termos planetários. Espírito com que Willi Bolle, no texto inicial, nos conta a experiência de refazer – levando, por companhia, o relato de Carvajal – o percurso de Francisco de Orellana (1541-1542), como parte de projeto mais amplo de reflexão sobre a região e os povos que a habitam.

Em aproximação e sentido, que reitera o universal pela superação dos recortes de nacionalidade ao pensar o humano em sua diversidade, é significativo o volume *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert,⁴⁶ composto por “relatos e reflexões” de Kopenawa, coletados e transcritos da língua original por Albert, em diálogo de aproximadamente 40 anos. O prefácio, de Eduardo Viveiros de Castro, assinala sua importância, colocando-o em paralelo e simultânea diferença com relação a *Tristes trópicos* (1955) de Lévi-Strauss, no sentido de compreensão dos povos ameríndios, bem como ao significado que se possa conferir ao enunciado “ser brasileiro”, realçando a força do texto de Kopenawa com relação à cultura ancestral e “história recente de seu povo [que inclui a previsão de] um “futuro funesto para o planeta”.⁴⁷ Ailton Krenak realça as ligações predominantes na cultura indígena, transmitidas pelas “práticas, por ritos, pela cultura” dos ancestrais, pelas histórias antigas que constituem fio de permanência e interação entre passado e presente, em memórias que transitam de geração em geração,⁴⁸ defendendo, de modo impositivo, a necessidade de uma constituição plurinacional, em que os indígenas fossem tratados como povos originários, com lugar definido e parte da

⁴⁴ COSTA, M. de Fátima; DIENER, Pablo; STRAUSS, Dieter. (Orgs.). *O Brasil de hoje no espelho do Século XIX*: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

⁴⁵ BOLLE, Willi; CASTRO, Edna & VEJMEKKA, Marcel. (Orgs.). *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. *Op.cit.*

⁴⁶ KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. *Op.cit.*

⁴⁷ CASTRO, Eduardo Viveiros de. O recado da mata. In: KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. [2010]. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. *Op.cit.*, p.11-41, citação p.12.

⁴⁸ KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura o bem viver*. Org. Bruno Maia. Cultura do bem viver, 2020, p.28.

sociedade que forma não somente a nação, uma vez que projeta a perspectiva de uma união pan-americana em termos dos povos indígenas, tendo em vista os vínculos que ultrapassam fronteiras políticas.⁴⁹

Contatos vêm, também, sendo narrados – em textos e imagens – pela imprensa, como assinalado de início pelas reportagens publicadas pelo *Estado de S.Paulo* em 2016, vivenciadas pelos repórteres e fotógrafos Borges, Nossa, Sampaio e Romero, colocando ênfase na fronteira constituída pela linha imaginária de Tordesilhas, ou melhor, conferindo-lhe concretude, em paralelo àquele que anuncia, de modo elogioso, a saída da Expedição Roncador-Xingú. Temática que vem sendo abordada em vários textos críticos por Eliane Brum (*EL PAÍS*), que se fez também viajante e moradora, na busca por ultrapassar o estranhamento estrangeiro e melhor captar os acontecimentos e a situação “desesperadora” dos indígenas, povos originários, com relação ao que vem, de longa data, sucedendo na ampla região amazônica. Em vários artigos acompanha o projeto de represamento das águas no caso de Belo Monte, gestado nos meados da década de 1970, com suas consequências em grande parte ainda por avaliar e que atingem de modo dramático os povos ribeirinhos que habitam a região, com acento marcante para a “Volta Grande do Xingu”, a ser agravada com o projeto Belo Sun, que virá a constituir uma das maiores explorações de mineração a céu aberto no Brasil. Amazônia, “centro do mundo”, crescentemente ameaçada pelo acesso a terras protegidas dos povos indígenas e das áreas de conservação, colocando em risco todo um ecossistema precioso e fundamental ao Brasil que, ao longo de sua história, na verdade desde o início, foi lugar em que, continuamente, construíram-se ruínas.⁵⁰

Eventos e acontecimentos que têm alcançado crescente repercussão nacional e internacional como marca destrutiva de florestas e, por consequência, dos que nelas habitam, agravados com a recente pandemia (2020) provocada pelo SARS-CoV-2, ambos com consequências planetárias.

Finalizo por referenciar a figura do estranhamento, na forma como abordada por Homi Bhabha,⁵¹ como instrumento rico para aproximações possíveis a encontros de

⁴⁹ Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021. <https://youtu.be/tpbCuPKTq4>. Acesso em 15 fev.2023.

⁵⁰ BRUM, Eliane. *EL PAÍS*. “O que Belo Monte delata sobre todos os lados” – 11 abr.2016; “A Amazônia não é nossa” – 02 out.2017; “A Amazônia é o centro do mundo” – 09 ago.2019; “A notícia é esta: O Xingu vai morrer” – 12 set. 2019; O que o velho Araweté pensa dos brancos enquanto seu mundo é destruído? 03 set. 2020. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/autor/eliane-brum/>; GOMES, Marcel. As veias abertas da Volta Grande do Xingu: análise dos impactos da mineradora Belo Sun sobre a região afetada por Belo Monte. *Ponto de Debate*. Fundação Rosa Luxemburgo. Outubro de 2017, n.16. Disponível em: <https://rosalux.org.br/as-veias-abertas-da-volta-grande-do-xingu/>. Acesso em: 21 out.2020. Também, A história de Belo Monte – Cronologia. Norte Energia S.A. Disponível em: <https://www.norteenergiasa.com.br/pt-br/uhe-belo-monte/historico>. Acesso em: 21 out.2020.

⁵¹ BHABHA, Homi K. [1998]. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de L. Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

culturas diversas que, ainda que aparentemente possam ser avaliados pela assimilação, originam novos elementos, que conformam novas culturas em constante movimento, tendo a ambivalência como conceito central frente a estranhamentos decorrentes de encontros e desencontros. O que parece ter sido incorporado pelo processo civilizacional – que se vê e lê como superior – dá origem a formulações e vivências novas, positivas ou negativas, sentido em que o conceito aparece como central às análises relacionadas a processos de colonização. Nessa perspectiva, Bhabha recorre aos estudos sobre colonialismo de Edward Said, no sentido do contato entre diferentes formas, valores e vivências que, aproximados, provocam trocas mútuas, em processo contínuo no mundo contemporâneo, em especial nos países que apresentam diferenças extremas provenientes do passado patriarcal, colonial e, em especial, escravista.

No conjunto, ambivalências predominam aos olhares que buscam contemplar os contornos dos territórios que conformam o Brasil em suas paisagens – naturais e humanas – e em seus significados de união de diferenças no que delinea, de modo abrangente, o país/paisagem e a pátria/nação, por entre intenções integradoras e apropriações predadoras, que guardam forte relação com tendências positivistas e autoritárias, realizadas por modelos conflitantes de ocupação, seja com relação ao potencial natural, seja com relação às populações – de início autóctones, hoje brasileiras de diversas cepas e origens, com outras populações que vieram a tornar-se, com o tempo, locais, enraizadas em termos de sentimentos de pertencimento e brasilidade, com os focos de violência inicialmente citados, que desnudam e denunciam qualquer pretensa homogeneidade.

Recebido em 23 de setembro de 2021
Aceito em 13 de dezembro de 2022